

Nós, os cegos, enxergamos longe



Franz-Joseph Huainigg
Verena Ballhaus

editora scipione



Era dia de liquidação de roupas e calçados na cidade. Catarina se perdeu dos pais na multidão e ficou chorando na frente de uma loja. Ninguém parecia ver a menina. De repente, um rapaz cego chamado Matias se aproximou e se dispôs a ajudá-la.

Confusa e admirada, Catarina percebeu que, do seu jeito, Matias era capaz de "enxergar" melhor do que muita gente. Mesmo sendo cego.



Nós, os cegos,
enxergamos longe

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editora
Maria Viana

Assistente editorial
José Paulo Brait

Texto complementar
à edição brasileira
Lô Galasso

Revisoras
Erika Ramires
Nair Hitomi Kayo

Editora de arte
Marisa Iniesta Martin

Diagramadora
Fabiane de Oliveira Carvalho



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400

Freguesia do Ô

CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br

e-mail: atendimento@scipione.com.br

2017

ISBN-978-85-262-6185-3 – AL

ISBN-978-85-262-6186-0 – PR

Cód. do livro CL: 735267

1.ª EDIÇÃO

10.ª impressão

Lote: 207232

Impressão e acabamento
Arvato Bertelsmann

Título original: *Wir verstehen uns blind*
Copyright © 2005 by Annette Betz Verlag im Verlag
Carl Ueberreuter, Vienna – Munich.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Para Katharina

fjh

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rios, Sâmia

Nós, os cegos, enxergamos longe / Franz-Joseph Huainigg; ilustrações de Verena Ballhaus; tradução e adaptação de Sâmia Rios. – São Paulo: Scipione, 2005. (Coleção Igualdade na diferença)

Título original: *Wir verstehen uns blind*.

1. Deficientes visuais – Literatura infantojuvenil
2. Literatura infantojuvenil I. Huainigg, Franz-Joseph. II. Ballhaus, Verena. III. Título.

05-7791

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Deficientes visuais: Literatura infantil 028.5
2. Deficientes visuais: Literatura infantojuvenil 028.5

Franz-Joseph Huainigg

Nós, os cegos, enxergamos longe

ilustrações de Verena Ballhaus
tradução e adaptação de Sâmia Rios



editora scipione



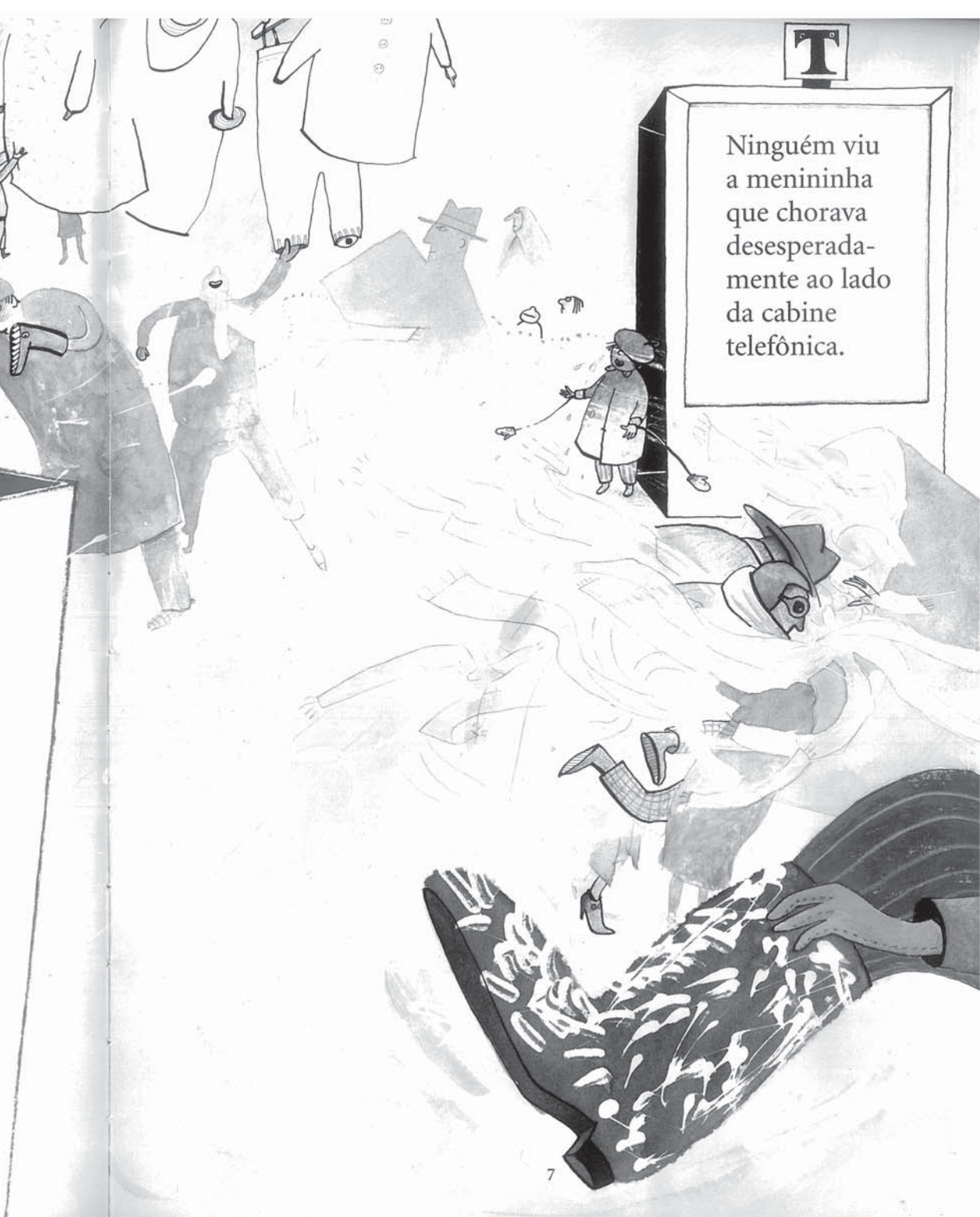
Naquele sábado, muitas pessoas foram ao centro da cidade para aproveitar a liquidação de inverno.

– Tudo pela metade do preço! – gritava o vendedor, e todos se lançavam sobre as mercadorias dispostas na frente da loja.

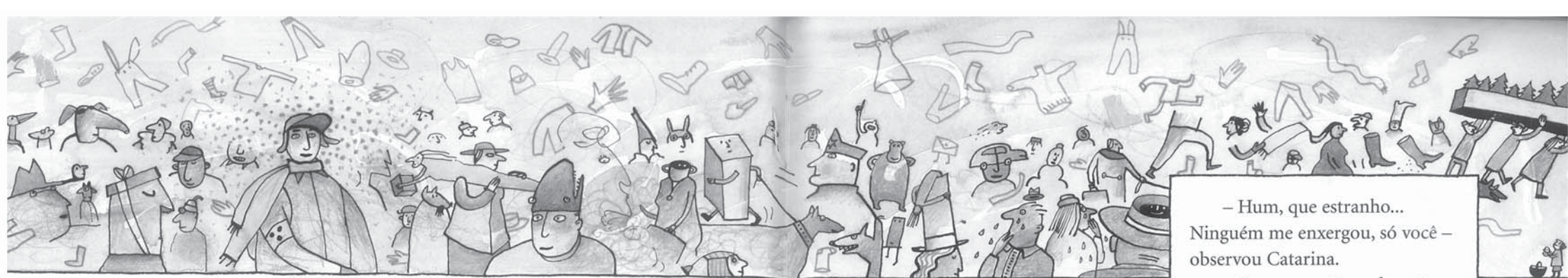
– Sapatos de inverno quase de graça! – alardeava o comerciante do outro lado da rua. No mesmo instante, muitas mãos remexiam o baú de calçados.

– Eu vi primeiro! – um rapaz gritava e acenava, segurando o pé esquerdo de uma bota revestida de pele. – Eu quero o pé direito desta bota!

As pessoas brigavam e discutiam, subiam e desciam a rua, na ânsia de encontrar pechinchas que ainda pudessem comprar antes dos outros.



Ninguém viu a menininha que chorava desesperadamente ao lado da cabine telefônica.



De repente, Catarina assustou-se. Uma coisa molhada havia tocado sua mão direita. Com os olhos embaçados de lágrimas, a menina viu uma grande cadela.

– O que houve com você? – perguntou o rapaz que segurava a cadela com um arco.

– Eu me perdi de meus pais! – gritou Catarina.

– Se você quiser, posso ajudá-la a procurar por eles – disse o jovem.

– Obrigada, mas... acho que você não pode me ajudar. Essa faixa amarela em seu braço significa que você é cego. Como poderia então encontrar meus pais? – disse a menina.

– Da mesma maneira que encontrei você – respondeu o rapaz.



– Hum, que estranho...
Ninguém me enxergou, só você – observou Catarina.

– As pessoas são realmente cegas – disse o jovem, rindo. – Mas você não passou despercebida por minha cadela e por mim. A propósito, eu me chamo Matias.

– Eu sou Catarina – apresentou-se a menina, pegando a mão que o rapaz lhe estendia. Catarina contou a ele que tinha visto seus pais pela última vez na feira, e então os dois decidiram ir até lá.



Catarina e Matias seguraram o arco da cadela enquanto subiam o calçada.

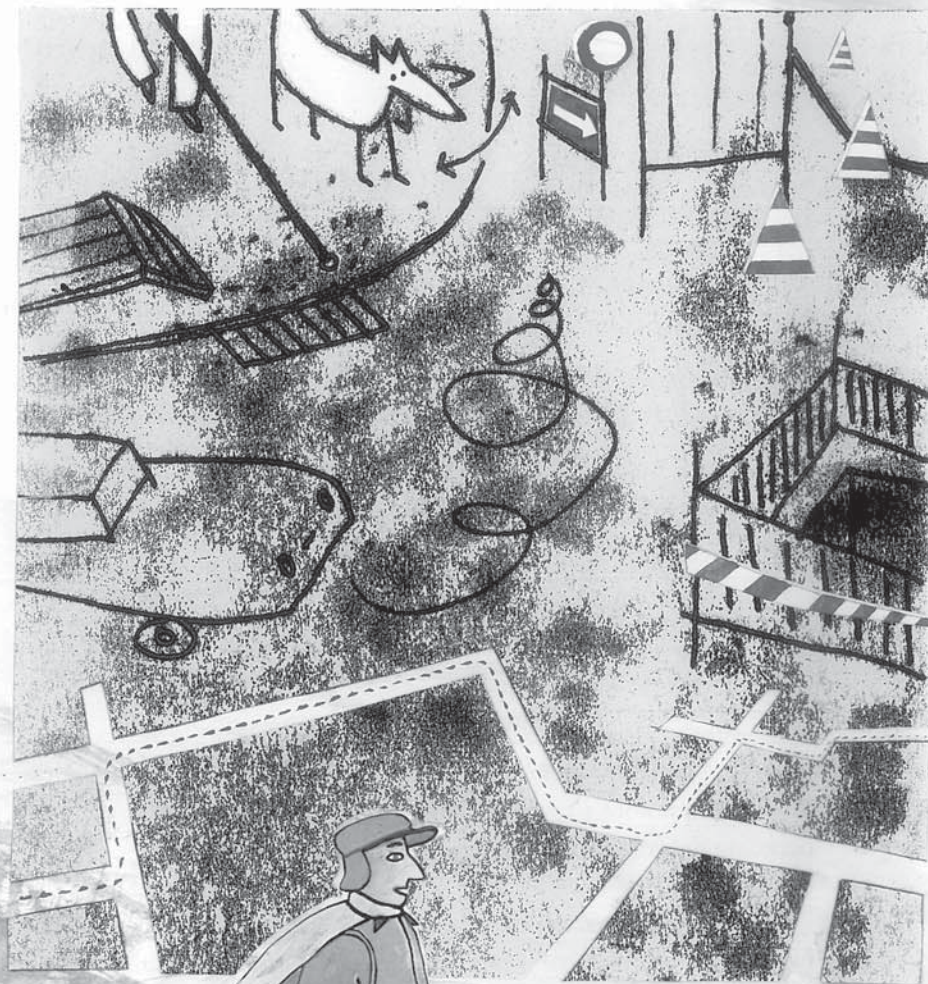
– Que pena que não tenho nenhuma foto de meus pais aqui comigo – disse Catarina. – Nós poderíamos mostrá-la à sua cadela, assim ela saberia quem tem de procurar.

Matias riu alto:

– Cindy não é uma cadela policial.

– Então, como é que um cão condutor de cegos sabe aonde deve ir?

– Cindy é uma cadela bem treinada, dócil e comportada, mas não é capaz de ler o mapa da cidade. Quando chegamos a um cruzamento, normalmente pergunto o caminho a alguém, porque Cindy não o conhece. Ela fica parada em um canto da calçada, em um degrau ou no semáforo e me guia para evitar os obstáculos.





– Por que você é cego? Ou não se deve fazer uma pergunta dessas de jeito nenhum? – disse Catarina depois de algum tempo.

– É claro que você pode perguntar isso. Eu sou cego de nascença.

– Mas isso é muito ruim – disse Catarina. – Sem enxergar, não se pode fazer absolutamente nada.

– E o que você acha que eu não posso fazer? – perguntou Matias.

– Ah, brincar, por exemplo. Eu sempre brinco com meu pai de “Adivinhe o que estou vendo”.



– ... é algo pequeno e preto – disse Matias.

– O carro, a bolsa, o cartaz, o sapato... – Catarina tentava adivinhar.

Matias sempre sacudia a cabeça negativamente. Por fim, Catarina desistiu.

– Provavelmente você não reparou naqueles corvos barulhentos ali em cima, na árvore – disse Matias, com uma certa vaidade.

– Você enxerga com seus ouvidos muito mais do que eu com meus olhos – concluiu Catarina. – Agora é a minha vez.

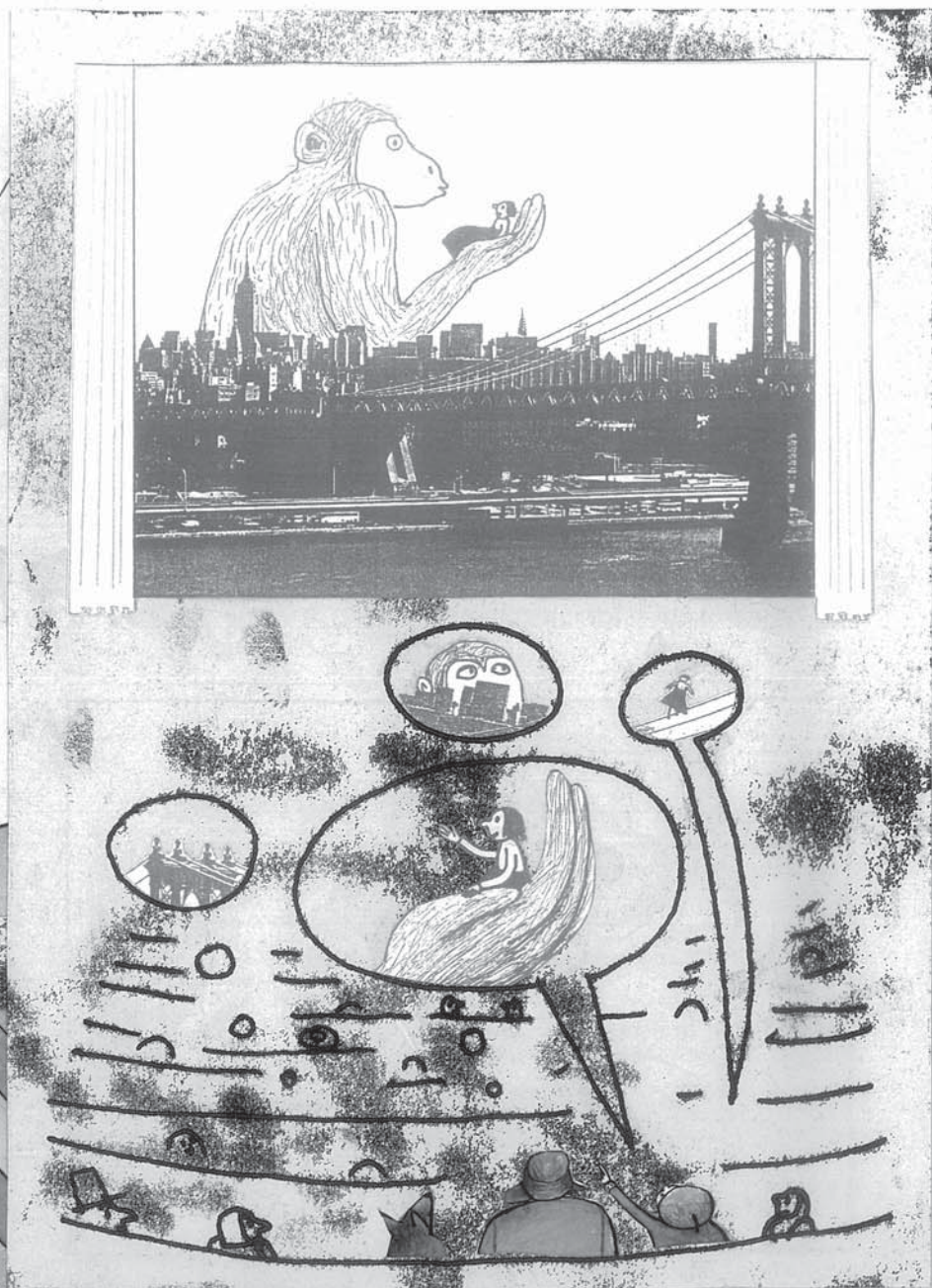
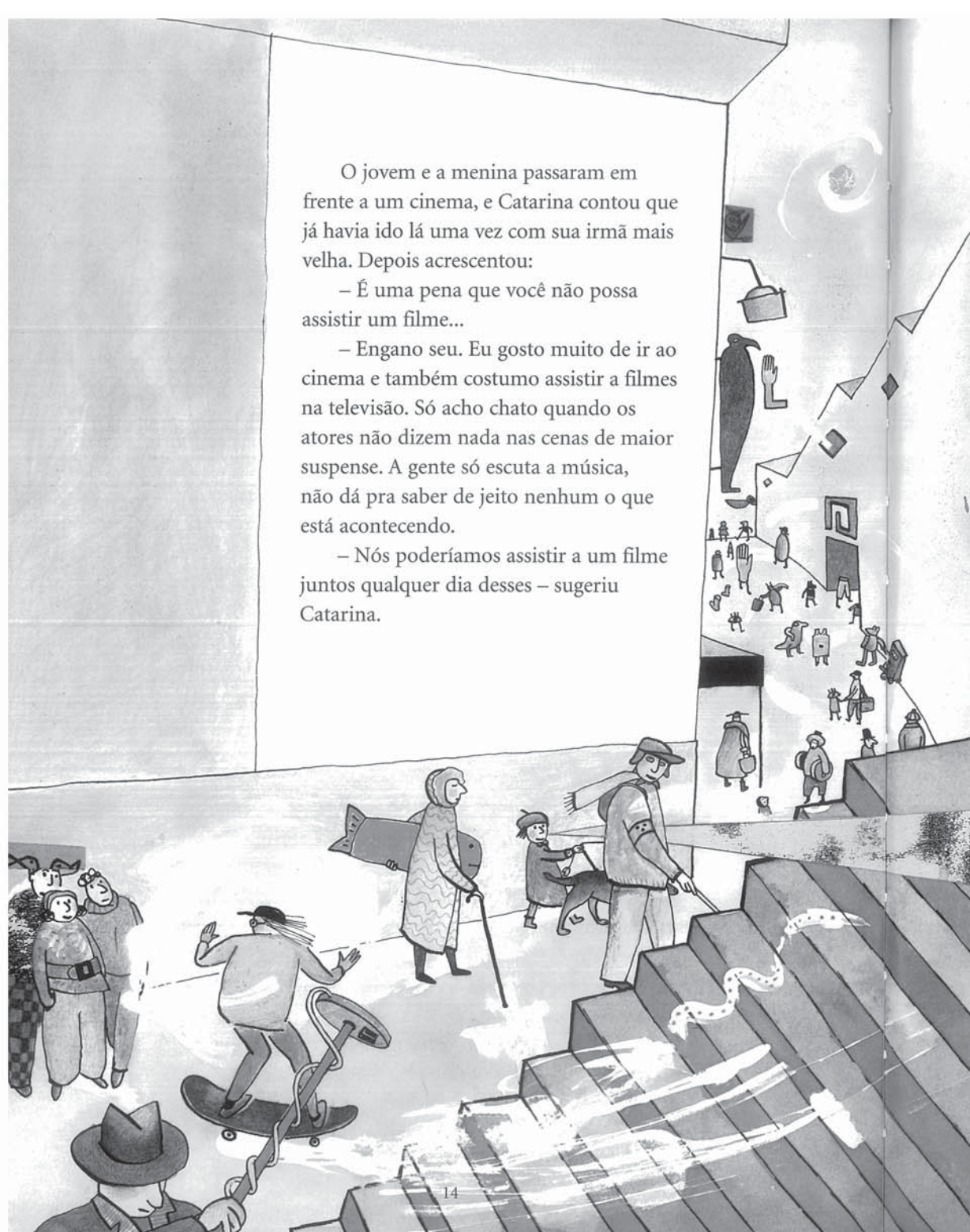
E então eles brincaram de “Adivinhe o que estou ouvindo, mas você não vê”.

O jovem e a menina passaram em frente a um cinema, e Catarina contou que já havia ido lá uma vez com sua irmã mais velha. Depois acrescentou:

– É uma pena que você não possa assistir um filme...

– Engano seu. Eu gosto muito de ir ao cinema e também costumo assistir a filmes na televisão. Só acho chato quando os atores não dizem nada nas cenas de maior suspense. A gente só escuta a música, não dá pra saber de jeito nenhum o que está acontecendo.

– Nós poderíamos assistir a um filme juntos qualquer dia desses – sugeriu Catarina.

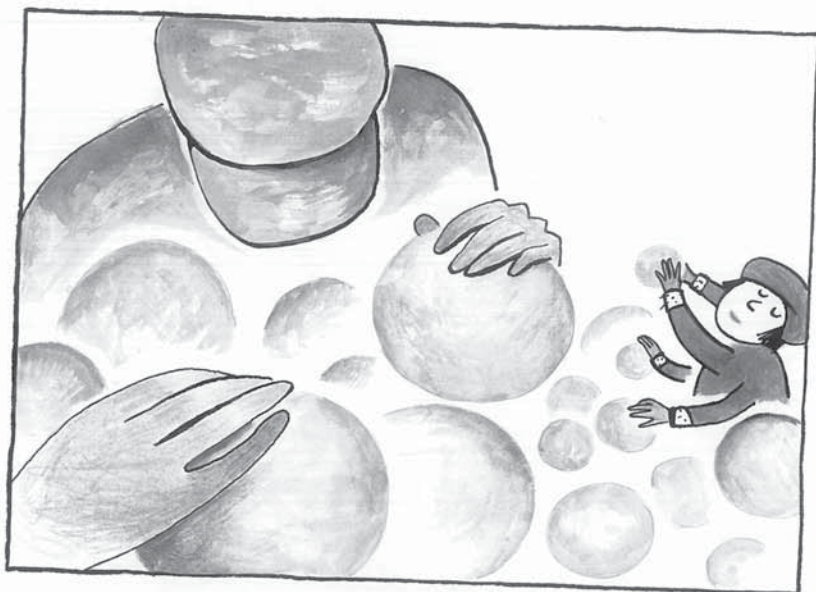


Finalmente Catarina e Matias chegaram à feira. O rapaz parou um instante na banca de legumes e verduras e apalpou os tomates.

– Dá pra saber a cor pelo cheiro? – perguntou a menina.

– Às vezes, sim. O cheiro de um tomate verde é diferente do cheiro de um tomate maduro e bem vermelho. E, além disso, o sabor é outro. A gente não pode cheirar as cores, mas pode senti-las. Um carro branco fica menos quente no sol do que um carro preto. É por isso que todos os carros frigoríficos são brancos. Quem nasce enxergando e só fica cego mais tarde é capaz de se lembrar perfeitamente das cores – disse Matias.

Ele entregou seis maçãs ao vendedor e tirou a carteira do bolso da calça. Então pagou os quatro euros e sessenta centavos que o feirante cobrou.



– Como você sabe quanto pagou? – quis saber Catarina.

– As moedas se diferenciam pelo seu contorno e pelo seu tamanho. As notas têm comprimentos diferentes, e eu posso identificá-las com uma certa facilidade.

Matias e Catarina andaram por toda a feira muitas vezes, mas não encontraram nenhuma pista dos pais da menina. Cansados, os dois sentaram-se num banco e comeram algumas maçãs.

– Onde seus pais poderiam estar? – perguntou Matias.

Catarina pensou e, de repente, teve uma ideia:

– Talvez numa loja de materiais esportivos. Meu pai queria comprar esquis.

Então, os dois decidiram ir até uma dessas lojas.



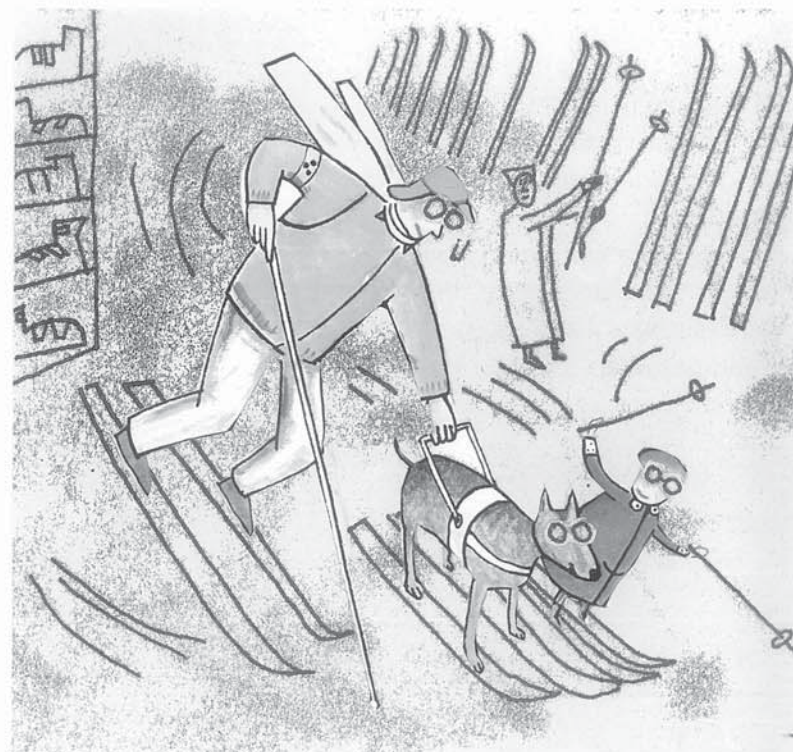
No meio do caminho, eles pararam em um semáforo.

– Você está ouvindo o tique-taque do semáforo? – perguntou Matias. – Quando ele é mais lento, significa que o sinal está vermelho. Quando é mais rápido, como agora, o sinal está verde, e a gente pode atravessar a rua.

Quando chegaram à seção de esquis da loja de materiais esportivos, Catarina quis saber:

– Você pratica algum esporte?

– Eu gosto de correr, mas já fui atropelado uma vez em um semáforo. Sem minha cadela e minha bengala, esse esporte é perigoso. Também gosto de esqui no inverno.



– E como você faz isso? Cindy vai na sua frente em esquis especiais para cães?

– Ainda não tentei isso, mas talvez possamos experimentar qualquer hora dessas – o rapaz riu. – Geralmente vou com um amigo, que segue atrás de mim, orientando-me sobre como devo esqui. Isso funciona superbem, e a gente se diverte muito.

Catarina perguntou ao vendedor se ele tinha visto seus pais. Porém, apesar da descrição detalhada da menina, o homem não conseguia se lembrar de ninguém parecido com eles.



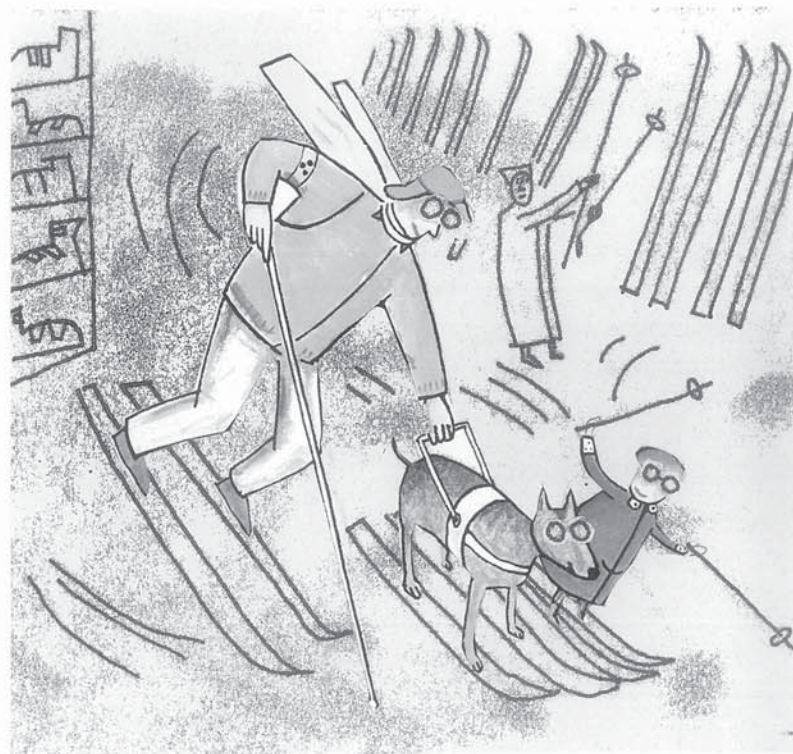
No meio do caminho, eles pararam em um semáforo.

– Você está ouvindo o tique-taque do semáforo? – perguntou Matias. – Quando ele é mais lento, significa que o sinal está vermelho. Quando é mais rápido, como agora, o sinal está verde, e a gente pode atravessar a rua.

Quando chegaram à seção de esquis da loja de materiais esportivos, Catarina quis saber:

– Você pratica algum esporte?

– Eu gosto de correr, mas já fui atropelado uma vez em um semáforo. Sem minha cadela e minha bengala, esse esporte é perigoso. Também gosto de esquiar no inverno.



– E como você faz isso? Cindy vai na sua frente em esquis especiais para cães?

– Ainda não tentei isso, mas talvez possamos experimentar qualquer hora dessas – o rapaz riu. – Geralmente vou com um amigo, que segue atrás de mim, orientando-me sobre como devo esquiar. Isso funciona superbem, e a gente se diverte muito.

Catarina perguntou ao vendedor se ele tinha visto seus pais. Porém, apesar da descrição detalhada da menina, o homem não conseguia se lembrar de ninguém parecido com eles.

Desesperada, Catarina saiu da loja com Matias. Os dois estavam de novo na rua.

— O que vamos fazer agora? — a menina mal conseguia conter as lágrimas.

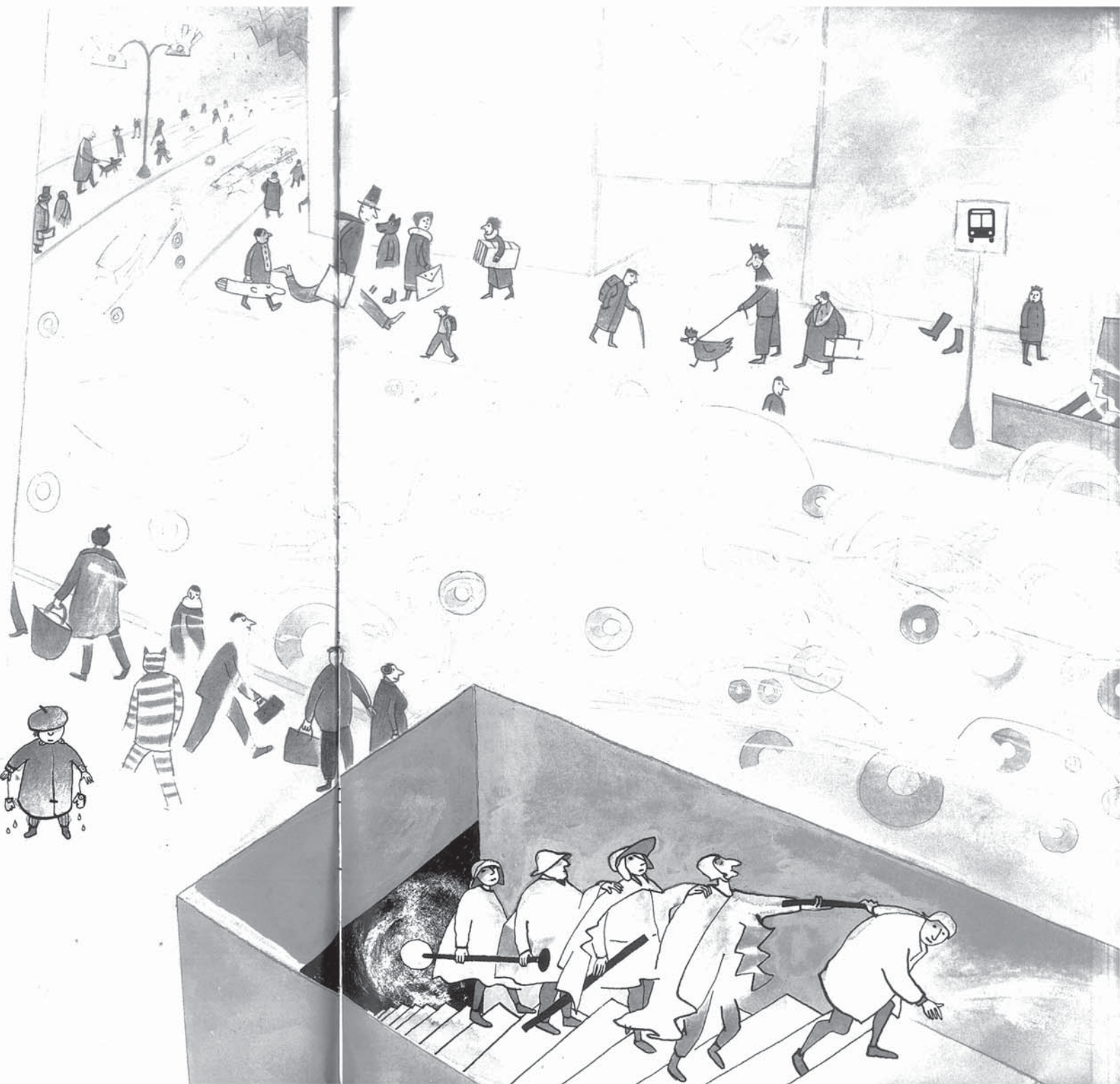
— As lojas estão começando a fechar — murmurou o rapaz, ao ouvir o barulho de chaves. Ele esticou o braço, segurou seu relógio de pulso e abriu o vidro. Com os dedos, apalpou os ponteiros. — Já são seis da tarde. Acho que devemos ir à polícia.



Desesperada, Catarina saiu da loja com Matias. Os dois estavam de novo na rua.

— O que vamos fazer agora? — a menina mal conseguia conter as lágrimas.

— As lojas estão começando a fechar — murmurou o rapaz, ao ouvir o barulho de chaves. Ele esticou o braço, segurou seu relógio de pulso e abriu o vidro. Com os dedos, apalpou os ponteiros. — Já são seis da tarde. Acho que devemos ir à polícia.



Os dois entraram em um cibercafé para perguntar sobre o posto de polícia mais próximo. O proprietário foi muito gentil e explicou-lhes detalhadamente o caminho: o posto ficava na estação de metrô.

Catarina ficou observando com interesse as pessoas que trabalhavam nos computadores.

– Você também consegue navegar pela internet, Matias?

– É claro, vou lhe mostrar rapidamente como eu faço – ele tirou seu *laptop* da mochila e o conectou à rede.



– Existem programas de computador para pessoas cegas. A máquina lê em voz alta o que está escrito na tela.

Nesse momento, ouviu-se uma voz vinda de dentro do computador.

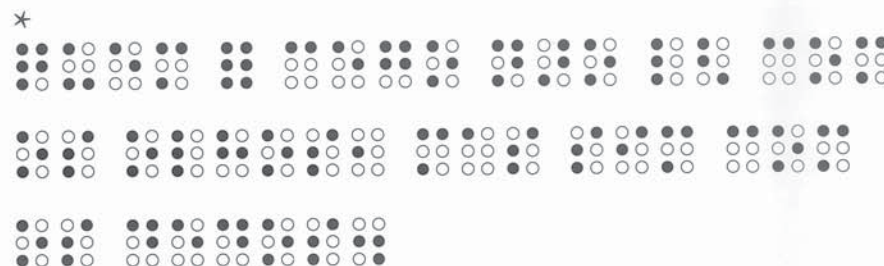
Catarina ficou entusiasmada com o equipamento:

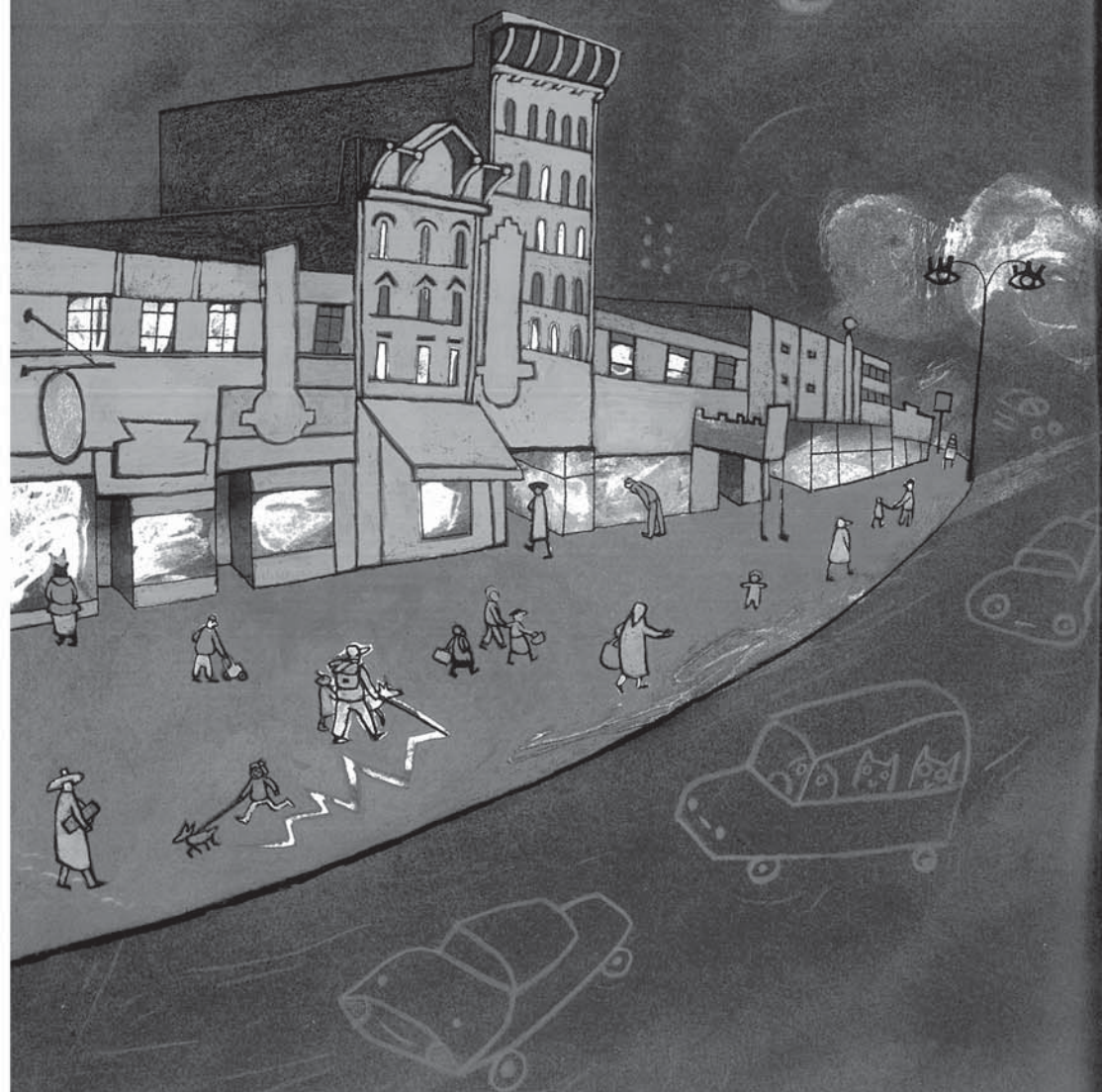
– Que pontos são esses no teclado, que mudam o tempo todo?

– São linhas escritas em braile. Assim, em escrita para cegos, os textos podem ser lidos com os dedos.

– O que é uma escrita para cegos? Dá para ler livros com essa escrita?

– Sim, os cegos também podem ler. O francês Louis Braille inventou uma escrita que consiste em seis pontos em relevo combinados de diferentes formas. Cada letra corresponde a uma disposição de pontos. *Quem é cego não lê com os olhos, mas sim com os dedos.**





Já havia escurecido quando os dois se puseram a caminho novamente.

– Como é que você sabe se é dia ou noite? – quis saber Catarina.

– Eu não vejo, mas posso ouvir e sentir isso. Durante o dia, a luz do sol aquece. Quem caminha sob a luz do luar sente o frescor noturno. Durante o dia, há muitos ônibus e pessoas nas ruas. À noite é mais calmo, e no verão os grilos cricrilam.

Catarina observou que cada vez mais luzes começavam a brilhar nas casas.

– Em sua casa, você vive no escuro ou acende as luzes?

– Eu costumo acendê-las, principalmente quando tenho visita. Eu me viro perfeitamente bem em meu apartamento, mesmo sem luz. Isso tem suas vantagens – riu Matias. – Quando vou ao banheiro durante a noite, não preciso me preocupar com o interruptor de luz.

– O posto de polícia fica logo ali – disse Catarina, e conduziu Matias até a esquina.

Na delegacia, a menina explicou que havia perdido seus pais. A policial que a atendeu suspirou profundamente:

– Graças a Deus! Já procuramos você por toda parte. Seus pais estão muito preocupados.

A policial deu um telefonema e depois disse:

– Vou levá-la para casa.

– Mas o Matias tem de ir conosco. Meus pais precisam conhecê-lo – disse Catarina.

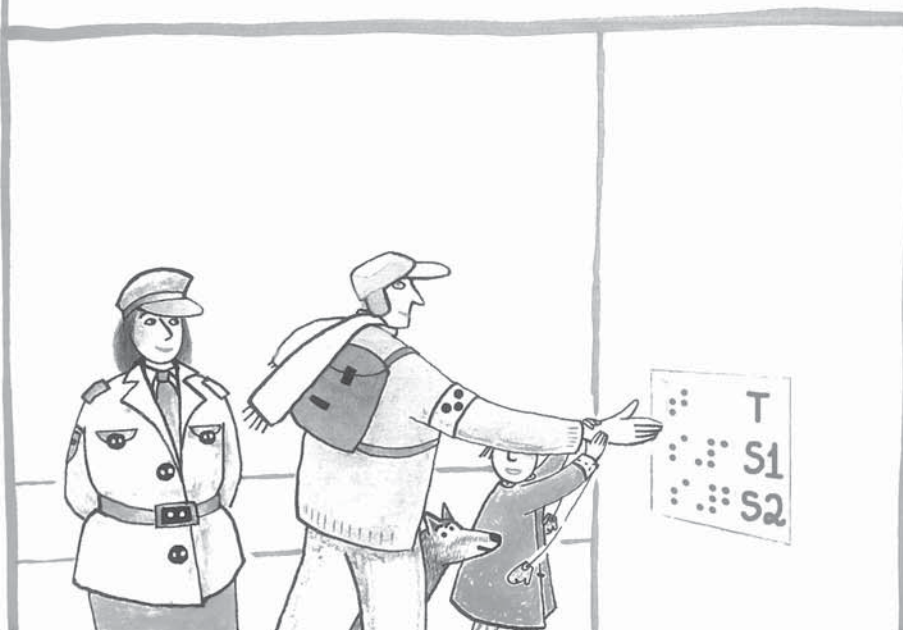
A policial consentiu com a cabeça.

Na estação de metrô, os três entraram no elevador.

– Vejam! – gritou Catarina, levando a mão de Matias até os botões. – No painel também há sinais em braile.

Na plataforma da estação, a menina descobriu mais uma coisa especial: uma faixa em alto-relevo no chão.

– É um sistema de orientação para cegos – explicou Matias. – Assim, com minha bengala posso encontrar o caminho da rua para o metrô e do metrô de volta para a rua.



Os três pegaram o metrô e viajaram por algumas estações. Quando estavam na rua, de repente, Catarina reconheceu o caminho de sua casa.

Quando chegaram lá, a policial tocou a campainha. Os pais da menina abriram a porta, com os olhos cheios de lágrimas.

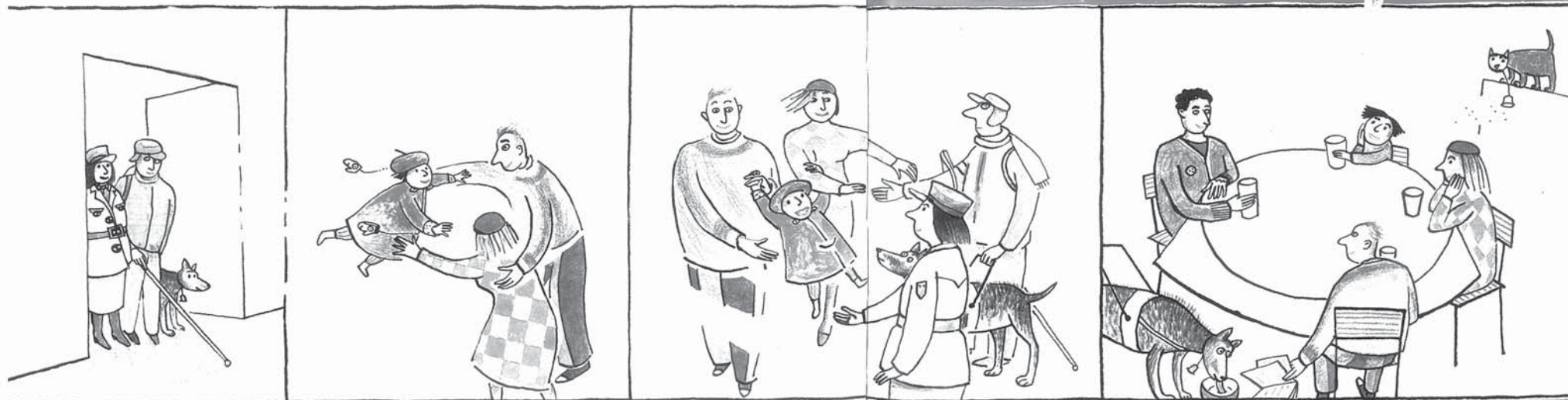
– Catarina! Onde você estava? De repente você sumiu! Procuramos você durante horas – disseram eles, abraçando a filha. Foi então que viram Matias e Cindy.

– Nós também procuramos por vocês – disse Catarina. – Este é meu amigo Matias. Ele é cego, tem um computador que fala e uma cadela que lê o mapa das ruas.

– É mesmo? – perguntaram os pais de Catarina.

A menina cutucou a mão de Matias.

– Vocês nem imaginam! Tenho tanta coisa para contar...



O deficiente visual no Brasil

Você sabia que este livro foi escrito e ilustrado por alemães? Por que é importante saber isso? Porque algumas coisas da história têm a ver com o jeito como as pessoas vivem na Alemanha, mas não no Brasil. Vamos ver algumas delas?

Faixas e guias

Na história, Matias usa uma faixa amarela no braço, indicando que ele é cego. No Brasil, esse costume não existe. Sabemos que uma pessoa é cega quando usa como guia uma bengala de metal dobrável. Com ela, vai tocando o caminho à sua frente e descobre onde tem um degrau, uma parede... enfim, um obstáculo qualquer. Geralmente, a bengala é uma boa “amiga” e protetora. Mas há certos obstáculos que “se escondem” das bengalas e podem fazer com que as pessoas cegas se machuquem: o orelhão, por exemplo.

Neste livro, Matias conta com a ajuda de Cindy, uma cadela-guia. No Brasil também existem cães-guias, mas é muito difícil ver um. É que por aqui ainda custa muito caro ter um desses cachorros treinados. E há certas pessoas que gostam tanto de cachorros que têm pena de usar um cão-guia.

O dinheiro

Outra coisa bem diferente na Alemanha e no Brasil é o dinheiro. Na história, Matias explica a Catarina que ele consegue saber o valor das moedas porque elas têm formatos e contornos diferentes. E também quanto vale cada nota, porque umas são mais compridas que outras.

No Brasil, as moedas são praticamente iguais, e o mesmo acontece com as notas. Por isso, os cegos não conseguem saber qual nota ou moeda está em sua mão. As moedas são todas redondas e com tamanhos muito parecidos. Quanto às notas, só a de dez reais (aquela de plástico) pode ser facilmente identificada por uma pessoa cega. Quem me disse isso foi o meu amigo Lothar. E a Andrea me contou que a nota de vinte reais tem um cantinho onde os dedos da gente sentem uma textura diferente. Mas só dá para saber quando a nota é nova. Aprendi também que, no Brasil, as pessoas cegas costumam sair de casa já com o dinheiro separado, para saber quais moedas ou notas devem pegar, em qual bolso, quando têm de pagar alguma coisa.

No semáforo

Neste livro, Matias sabe quando o farol de trânsito (ou semáforo) está verde ou vermelho, ou seja, quando ele pode ou não atravessar uma rua. Você se lembra por quê? O semáforo faz um barulhinho, um tique-taque, mais lento quando o sinal está vermelho e mais rápido quando está verde. Mas no Brasil não é assim: aqui os faróis ou semáforos ainda são mudos. Por isso, as pessoas que não enxergam só podem atravessar a rua com a ajuda de alguém.

Relógio e computador

Você se lembra como o Matias consegue saber as horas? Ele abre o vidro do relógio de pulso e, tocando os ponteiros com o dedo, “vê” as horas. No Brasil também existe esse tipo de relógio. Minha amiga Andrea tem um. E há também os relógios digitais, que “falam” as horas.

Tanto na Alemanha quanto no Brasil, as pessoas cegas conseguem usar o computador e navegar na internet, porque existem programas que “falam” tudo o que vem escrito na tela.

Andar de metrô

Matias explica a Catarina que, na Alemanha, com a ajuda da bengala, os cegos podem encontrar o caminho da rua para o metrô e do metrô de volta para a rua, por causa de uma faixa em alto-relevo que existe no chão. No Brasil, esse tipo de “trilha” em relevo só existe em uma ou outra estação de metrô. Ainda falta muito para que todas as estações tenham uma faixa dessas.

Enfim, por aqui ainda vai levar algum tempo até que os deficientes visuais circulem com tranquilidade pelas ruas e outros lugares das cidades. E também para que possam curtir melhor uma porção de coisas bacanas, como obras de arte, teatro, cinema etc.

Mas é importante saber que no mundo há muita gente tentando melhorar as cidades e descobrir jeitos de garantir que todas as pessoas façam tudo o que precisam e curtam tudo o que tenham vontade.

Como o próprio Matias explica no livro, os deficientes visuais podem fazer praticamente tudo o que as outras pessoas fazem, desde que tenham algum apoio para isso. Por exemplo, muitas pessoas cegas, ou que enxergam muito pouco, adoram praticar esportes e participam de campeonatos no Brasil e no exterior. Meu amigo Lothar, mesmo, é presidente de uma associação, a Cadevi, de apoio a deficientes visuais que praticam esportes. Lá eles têm uma coleção enorme de troféus: de futebol, natação, atletismo, xadrez... E muitos cegos fazem coisas que, às vezes, dão o maior medo nas pessoas que enxergam, como descer cachoeiras altíssimas fazendo rapel.

Pois é... Se você antes pensava, como a Catarina, que os deficientes visuais não são capazes de fazer quase nada, com certeza vai mudar de ideia depois de ler este livro.

Não é só com os olhos do rosto que as pessoas podem enxergar. Há também os “olhos” da audição, do tato, do paladar, do olfato, além dos “olhos de dentro”, os “olhos do coração”: a inteligência, a imaginação, a sensibilidade, a intuição, a vontade, a coragem... Olhos poderosos que permitem a todas as pessoas realizar seus sonhos. Inclusive aquelas que, mesmo cegas, enxergam muito, e longe!

Lô Galasso

Graduada em Ciências Sociais pela PUC-SP e doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP. É professora visitante da Faculdade de Medicina da USP e da Fundação Instituto de Administração da FEA-USP.